

3 ABR 1990

Diário da Gazeta

Discurso de Zélia no BID tem recepção fria

JORNAL DA TARDE
JORNAL DA TARDE

Em seu discurso pronunciado ontem na assembléia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Montreal, no Canadá, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, disse que o Brasil "deverá iniciar em breve entendimentos com a comunidade financeira internacional". Na renegociação da dívida brasileira, disse Zélia, o governo deseja "explorar distintas alternativas".

No discurso — relata nosso enviado especial, **Paulo Sotero** —, Zélia disse que o Brasil "está aberto ao diálogo e pretende apresentar propostas que conduzam a soluções permanentes que nos desviem do processo de marchas e contramarchas que tem caracterizado os entendimentos a respeito da dívida externa". Zélia sinalizou, no entanto, que o governo Collor não aceitará o condicionamento do acordo com os credores a "decisões de política econômica de âmbito estritamente nacional". Se as negociações não foram iniciadas até agora, explicou a ministra, é porque o governo "tem a convicção de que deveria antes ajustar a realidade interna".

Falando a um plenário cheio, que se esvaziou rapidamente após



Zélia e o primeiro-ministro Mulroney, do Canadá.

seu discurso, a ministra deixou implícito que considera o Plano Brady de redução da dívida, patrocinado pelo governo americano, positivo mas insuficiente. O Brasil reconhece "os avanços contidos em várias iniciativas recentes, mas acreditamos que elas devam ser ampliadas", disse Zélia.

Depois de fazer um relato sobre os vários elementos do programa econômico, Zélia disse que ele "contraria a tese de que só pode haver controle da inflação se se adotar uma política salarial restritiva". E lançou um desafio aos

credores: "A coragem e a determinação demonstradas (pelo governo brasileiro) estão à altura da gravidade do momento. Aguardamos, agora, da parte das instituições internacionais de financiamento e da comunidade financeira internacional, resposta à altura dos sacrifícios que estão no momento sendo feitos pela sociedade brasileira".

Entre executivos de bancos presentes no plenário, o discurso de Zélia não provocou reações especiais e foi friamente recebido. "Era o esperado", disse um ban-

queiro. Não deixou boa impressão, porém, o fato de a ministra ter evitado um encontro específico com representantes da comunidade financeira internacional, o qual chegou a ser marcado e publicamente anunciado. Além disso, Zélia evitou dar entrevista à imprensa internacional, curiosa para conhecer melhor o programa brasileiro.

Ainda assim, foram feitos contatos preliminares entre o secretário de Planejamento, Marcôs Fonseca, o secretário de Assuntos Internacionais, Clodoaldo Huguency, e o vice-presidente do Citicorp, William Rhodes, que preside o comitê de bancos credores. Hoje, a ministra estará em Washington, onde se encontrará com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, e com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus.

Em Montreal, Zélia almoçou ontem com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, que expressou sua intenção de apoiar o programa brasileiro. "Se eles saltarem com os dois pés nessa política de ajustamento, como fez a Polônia, terão o suporte do Banco Mundial", afirmou Conable.